

**GERONTOLOGIA SOCIAL CRÍTICA E NEOCONSERVADORISMO:
tensões na *didiscência*¹**

**GERONTOLOGIA SOCIAL CRÍTICA E NEOCONSERVADORISMO:
tensiones en la *didiscencia***

**CRITICAL SOCIAL GERONTOLOGY AND NEOCONSERVATISM:
tensions in *didiscence***

Adriana Alcântara²

<https://orcid.org/0000-0002-4590-7509>

Resumo:

A discussão se volta à perspectiva da Gerontologia Social Crítica, pautada no método dialético, decifra a vida de velhos e velhas, a partir das condições de existência. Tal direcionamento vem sido objeto de observação no ambiente da sala de aula, somado à pedagogia crítica/problematizadora, cuja abordagem se fundamenta no pensamento crítico, na realidade concreta, ensina a questionar em oposição à educação bancária, nos termos de Paulo Freire. Sendo assim, a escolha teórico-política pela Gerontologia Social Crítica e a pedagogia freiriana na experiência da docência na Pós-Graduação em Gerontologia (*lato sensu*) constitui o ângulo de análise do presente artigo, num tempo histórico de avanço do neoconservadorismo, expressão do capitalismo neoliberal, explícito em todas as dimensões da vida social, na última década, com repercussões profundamente negativas e preocupantes, a exemplo dos preconceitos com o/a diferente, bem como uma intolerância sobremaneira hostil e raivosidade desenfreada para com a vertente progressista, sobretudo em relação às teorias de Karl Marx e Paulo Freire.

Palavras-chave: Gerontologia Social Crítica. *Didiscência*. Educação libertadora. Marxismo. Neoconservadorismo.

Resumen:

¹ A expressão *didiscência* é usada por Paulo Freire no sentido de explicar que docência e discência operam dialeticamente, uma não existe sem a outra, são *indicotomizáveis*. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2019, p. 25).

² Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Possui Pós-doutorado pelo Núcleo de Pesquisa sobre Estado e Políticas Públicas junto à Universidade Federal do Piauí (UFPI). Tem Mestrado em Gerontologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). É professora colaboradora do Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas (MAPP/UFC). Integra o corpo docente do Curso de Especialização em Gerontologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). E-mail: alcantara2002@yahoo.com.br

Como referenciar este artigo:

ALCÂNTARA, Adriana. Gerontologia social crítica e neoconservadorismo: tensões da *didiscência*.

Revista Pedagógica, Chapecó, v. 25, p. 1-23, 2023.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v25i17738>

La discusión se vuelve hacia la perspectiva de la Gerontología Social Crítica, que a partir del método dialéctico, descifra la vida de los ancianos y ancianas, a partir de las condiciones de existencia. Esta dirección ha sido objeto de observación en el ambiente de aula, sumado a la pedagogía crítica/comprometida, cuyo enfoque se basa en el pensamiento crítico, en la realidad concreta, enseña a cuestionar frente a la educación bancaria, en términos de Paulo Freire. Por tanto, la elección teórico-política por la Gerontología Social Crítica y la pedagogía de Freire en la experiencia de docencia en el Posgrado en Gerontología (*lato sensu*) constituye el ángulo de análisis de este artículo, en un momento histórico de avance del neoconservadurismo, expresión del capitalismo neoliberal, explícito en todas las dimensiones de la vida social, en la última década, con repercusiones profundamente negativas y preocupantes, como el prejuicio contra el diferente, así como una intolerancia extremadamente hostil y una rabia desenfadada hacia el lado progresista, especialmente en relación con las ideas de Karl Marx y Paulo Freire.

Palabras clave: Gerontologia Social Crítica. Dodiscência. Educación liberadora. Marxismo. Neoconservadurismo.

Abstract:

The discussion turns to the perspective of Critical Social Gerontology, which is based on the dialectical method, deciphers the lives of old men and women, based on the conditions of existence. This direction has been the object of observation in the classroom environment, added to the critical/engaged pedagogy, whose approach is based on critical thinking, in concrete reality, teaches to question as opposed to banking education, in Paulo Freire's terms. Therefore, the theoretical-political choice for Critical Social Gerontology and Freire's pedagogy in the experience of teaching in Post-Graduation in Gerontology (*lato sensu*) constitutes the analysis angle of this article, in a historical time of advance of neoconservatism, expression of capitalism neoliberalism, explicit in all dimensions of social life, in the last decade, with profoundly negative and worrying repercussions, such as prejudice against the different, as well as an extremely hostile intolerance and unbridled rage towards the progressive side, especially in relation to the ideas of Karl Marx and Paulo Freire.

Keywords: Critical Social Gerontology. Dodiscence. Liberating education. Marxism. Conservatism.

INTRODUÇÃO

[...] ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais.

Posso não aceitar a concepção pedagógica deste ou daquela autora, e devo inclusive expor aos alunos as razões por que me oponho a ela, mas o que não posso, na minha crítica, é mentir. É dizer inverdades em torno deles [...].

PAULO FREIRE

As palavras do pedagogo dos oprimidos sinalizam o imprescindível respeito à fala do outro, no exercício cotidiano da capacidade viver com o diferente, o qual nunca pode

ser negado, mas acolhido, de modo que a minha visão sobre o outro ou as diferenças entre nós não impeçam a interação ou levem ao “cancelamento” para usar a linguagem específica das redes sociais.

O diálogo se configura uma categoria central na obra de Paulo Freire, onde não se separa pensamento e ação, conexão em que nos colocamos, lemos o mundo, ensinamos e aprendemos. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão” (FREIRE, 2019b, p.108). O autor reflete que a existência humana requer o pronunciamento do mundo, problematização primordial para a mudança. Por isso, o diálogo se firma num imperativo existencial, é através dele que superamos o antidiálogo.

Urge se desagarrar da história como determinismo e sim apegar-se a ela como possibilidade. Nesta perspectiva, Paulo Freire indica o movimento do processo de construção humana rumo à possibilidade de *Ser Mais*, pois frente à compreensão do nosso inacabamento, é a perspectiva histórica que revela a dimensão do vir a ser e, sendo assim, o futuro não está dado. Utilizou a expressão “burocratização da mente” para criticar a “maneira mecanicista de compreender a história”, da incorporação dos fatos como imutáveis.

Na contramão do processo histórico, nos dias de hoje, não raro surgem posicionamentos sectários, como se fosse possível determinar o destino da História ou domesticar, no sentido de induzir a acomodação para se fazer crer que a vida “é assim mesmo” desde sempre, paralelo ainda a uma explicação religiosa de que “Deus dá o frio conforme o cobertor”. Trata-se de um discurso fatalista, característico da ideologia neoliberal para acentuar a ideia do “fim da história”.

Uma educação direcionada ao ajustamento, não problematizadora, alheia às mudanças da realidade, avessa ao diálogo, restritiva, que tolhe a reflexão sobre a leitura do mundo, na verdade é uma antieducação, na medida em que devemos ser sujeitos e não objetos da educação, o que implica, capacidade para ensinar e aprender, competência científica, atitude crítica diante da vida, provocação da curiosidade, questionamento, transcender, em virtude de sermos seres políticos, imperativo ontológico.

Ou seja, face à nossa condição de sujeito se impõe a tarefa histórica de intervir, participar e superar o que nos desumaniza, porque o que há de permanente é o inacabamento, logo, conforme nos ensina Freire (2019a, p.57) “é na inconclusão do ser,

que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados”. A percepção de Hidalgo (2020, p.2) encontra expressão na assunção desta perspectiva ao longo do artigo: “sobre mi historia mantengo una postura crítica, considerando que es inacabada, en construcción permanente en la temporalidad que me pertenece, aprenderé hasta el día de mi muerte”.

Portanto, a realidade pode ser transformada quando as pessoas se percebem modificáveis e, sendo a educação libertadora/crítica contrária a um futuro predeterminado, preza o compromisso pela promoção da reflexão que leve à ação. Em outras palavras, a práxis humana compreendida como unidade inseparável entre a nossa ação e o nosso pensamento sobre o mundo nos conduz a agir conscientemente sobre a realidade objetivada (FREIRE, 1980). De passagem, cabe observar aqui, ser uma cara ideia oriunda da análise marxiana ao elucidar que é na ação que os homens se constroem.

Nesta linha de raciocínio, é mister persistir com uma indagação histórica: quando e como vamos ter condições para mudar esta vida tão perversa e desumanizante, retratada por uma desigualdade social abissalmente imoral? Do exposto, convém assinalar a natureza política da educação, lamentavelmente, uma obviedade até hoje negada, obscurantismo este explicado pela ascensão do neoconservadorismo em escala mundial, consubstanciado pela ideologia neoliberal.

Assim sendo, a vida como ela é se revela através de práticas educativas progressistas ou conservadoras, de modo que inexiste neutralidade, ninguém vive de forma neutra e os questionamentos acerca da nossa ação político-pedagógica na direção de um mundo decente se despontam. Conforme Freire (2019a, p.75) problematiza: “Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo?”

Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele (FREIRE, 2019, p.75).

Dito isto, importa reforçar que a essência do processo educativo é coletiva, o papel do/a educador/a “é criar os mecanismos pedagógicos de expressão e explicitação das lutas, das dúvidas das incertezas da palavra dos educandos”. Refere-se a um trabalho desprovido

de doutrinação, de maneira que não coaduna com a finalidade de fazer valer “a minha visão, a minha postura, a minha proposta” (BETTO; FREIRE; 1998, p.73).

Santos (2000, p.67) apoia essa visão por entender que “a Política, por definição, é sempre ampla e supõe uma visão de conjunto. Ela apenas se realiza quando existe a consideração de todos e de tudo”. Por essa razão, o autor enfatiza a “Política com P maiúsculo” para ressaltar o primado do bem comum, sendo determinante o espaço onde se vive ou em suas palavras: “espaço de exercício da existência plena” (p. 114).

Fazendo eco a esta análise, sempre foi recorrente nos meus vinte anos de docência a concepção de *Política* como sinônimo de vida, então, seu significado ultrapassa imensamente a apreensão de política partidária. Ser politizado, assim, é entender o ser e estar no mundo, ou melhor dizendo, captar a estrutura da organização social a qual afeta a satisfação das necessidades básicas humanas, ordenada através do trabalho da produção, interferindo, sobremaneira, no modo de viver. Isto se chama consciência política que, segundo Betto e Freire (1985), alcançar tal apreensão da vida nem exige necessariamente ter lido Marx.

Face a estas reflexões preliminares a serem desenvolvidas nas próximas páginas, o assunto central se direciona à dificuldade de adentrar criticamente na análise da sociabilidade capitalista em determinadas salas de aula, apesar de ser uma minoria resistente para com a discussão sobre política, cuja compreensão é visivelmente limitada, são situações desgastantes, de forma a interferir na atmosfera e dinâmica das aulas. Em vista disso, concordando com Hidalgo (2020, p.2), cada docente tiene una historia que contar, muchas veces se siente solo con sus problemas y ahogado en sus experiencias.

Destarte, diante de um episódio recente, algo inusitado na experiência docente até então, a alternativa para reelaborar o acontecido foi a publicação deste artigo. A intenção não foi julgar ou tão somente apontar os limites e a hostilidade do outro, mas, parafraseando Freire (2019a), deslocar da “justa raiva” (discordância com a injustiça social, com a naturalização do capitalismo, com o desrespeito à palavra do outro...), para a “politização da raiva” (LORDE, 2019), visto que escrever é um ato político e a minha palavra

é de denúncia e de rejeição a uma sociabilidade desumanizante, bem como o esforço em possibilitar a reflexão ao “oprimido da classe média” de livrar-se desse embaraço.³

Também foi imperativo pensar o processo ensino-aprendizagem entendido como uma relação e, sendo assim, urge captar como docentes ensinam e estudantes aprendem. Isto faz lembrar a frase de Lacan: *Você pode saber o que disse, mas nunca o que outro escutou*⁴. A decepção e o constrangimento ultrapassaram o lugar da tristeza para chegar ao lugar da cura, tal como hooks (2017, p.85) buscou a teoria para tratar as suas dores, o “refúgio na teorização”, a fim de compreender todo um estado de coisas:

Encontrei um lugar onde eu podia imaginar futuros possíveis, um lugar onde a vida podia ser diferente. Essa experiência ‘vívida’ de pensamento crítico, de reflexão e análise se tornou um lugar onde eu trabalhava para explicar a mágoa e fazê-la ir embora. Fundamentalmente, essa experiência me ensinou que a teoria pode ser um lugar de cura.

Neste passo, despontaram questões essenciais rumo a uma revisão crítica das finalidades da educação como prática de liberdade, paralelo às lacunas em torno de sua não materialização. Quais os limites para o alcance desta perspectiva? Há coerência entre o que ensinamos e as formas de avaliação? Perante a o exercício profissional fundamentado na pedagogia crítica e de vislumbrar a sala de aula como “espaço que oferece as possibilidades mais radicais na academia” (hooks, 2017, p.23), quais caminhos se descortinam no enfrentamento do ideário neoliberal que insiste em naturalizar as desigualdades geradas pelo capitalismo? Como reverter esta conjuntura de deseducação política, num cenário de recrudescimento da extrema direita, onde se clama por exemplo, pela retomada do regime ditatorial?

A propósito, é preciso decifrar o chão histórico que estamos sofrendo/enfrentando na atual configuração do capitalismo, demarcado pela hegemonia político-econômica da oligarquia financeira, entender o pensamento conservador, o sujeito neoliberal subordinado ao mercado.

³ “Há por outro lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo. Isto se verifica, sobretudo, nos oprimidos de “classe média”, cujo receio é serem iguais ao “homem ilustre” da chamada classe superior (FREIRE, 2019b, p.68).

⁴ <https://www.psicanaliseclinica.com/frases-de-lacan/>

Aprender ainda, a influência da sociabilidade capitalista, expressão da ausência da dimensão coletiva, dentre tantos retrocessos em detrimento da emancipação humana, enfim, uma realidade com novidades inquietantes que nos provocam a reinventar outro modo de vida, porque o presente é devastador.

Numa palavra, é essencial a mediação teórico-prática, rumo à intervenção e, assim sendo, de mudança, uma vez que, desejamos uma “melhor vida”, independentemente da dimensão etária. Neste sentido, é obrigação ética a multiplicação de um saber que intenciona a emancipação humana através da defesa uma sociedade justa e igualitária.

Com este preâmbulo, fica assumida a orientação teórica para respaldar as problematizações atinentes ao objeto em tela, entretanto, devido aos limites impostos à modalidade de um artigo, a discussão não se delinea de forma aprofundada e histórica, todavia, o mais importante a reter é não desacreditar quão potente e transformadora é a educação política, farol para nos libertamos da caverna e, sem desconsiderar a utopia quixotesca: “[...] loucura maior é ver a vida como ela é, e não como ela deveria ser!”.

“PROFESSORA, NÃO FALE DE POLÍTICA”: QUE TEMPO SOMOS NÓS?

Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza da minha prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber [...].

PAULO FREIRE

O patrono da educação brasileira afirma que é impossível ser e estar no mundo, sem fazer história e sem politizar. Eis o grande mote impulsionador para a elaboração deste texto, no entanto, a partir de uma experiência constrangedora na sala de aula, na verdade, a maior de todas, haja vista o mal-estar de um estudante numa Pós-Graduação em Gerontologia (*lato sensu*), na disciplina alusiva à Sociologia, visivelmente irritado, informando que iria se retirar da aula *on-line*, caso não se encerrasse a discussão sobre *política*, tema central da ementa.

Apesar da perplexidade diante um “pedido” tão despropositado, a situação exigia toda uma maturidade e respeito com o oponente, principalmente para não ser contraditória com os princípios da teoria crítica e da pedagogia freiriana, fundamentos com os quais as minhas aulas são conduzidas.

Mais uma vez vale reiterar que a existência humana é permeada pela política, somos seres políticos, tal como Aristóteles já interpretava a respeito da tendência natural para a vida em comunidade: “o homem é um animal político”, isto é, as pessoas se realizam coletivamente, é próprio da dimensão humana. Então, partindo da amplitude dessa definição, é apropriada a apreciação de Mariátegui (2005, p.72):

Fazer política é passar dos sonhos às coisas, do abstrato ao concreto. A política é o trabalho efetivo do pensamento social: a política é a vida. Admitir uma quebra de continuidade entre a teoria e a prática, abandonar os realizadores a seus próprios esforços, ainda que concedendo-lhes uma cordial neutralidade, é renunciar à causa humana. A política é a própria trama da história. A história, fazem-na os homens possuídos e iluminados por uma crença superior, por uma esperança sobre-humana; os demais constituem o coro anônimo do drama.

No mesmo sentido, como educadora penso que um dos principais compromissos da ciência se direciona a promoção de uma vida mais decente, daí ser incabível o alheamento à desigualdade. Infelizmente, tal expectativa não se concretiza plenamente. Para citar Tonet (2019, p.19), o pensamento iluminista concebia que o avanço da ciência e da tecnologia tenderia a reduzir a ignorância e as crendices, porém, o oposto é o real: a ciência não tem humanizado como se almejava.

No caso brasileiro, a retomada do debate sobre retrocessos sociais, atravessados por posturas autoritárias ocorre numa situação de instabilidade e incertezas diante da crise econômica, política e cultural agravada a partir de junho de 2013, ao Golpe jurídico, parlamentar e midiático de 2016, ocasionando na eleição do projeto neofascista/neoliberal de Jair Bolsonaro que assegurou os privilégios do capital financeiro e de superexploração da força de trabalho

Na análise de Carneiro; Carvalho e Araújo (2021), o bolsonarismo se define como um fenômeno social resultante de uma simbiose do ultraneoliberalismo dependente, militarismo patriótico e autoritário, justicialismo da violência e reacionarismo político-

cultural, eivado de um moralismo religioso, isto é, uma combinação muito perigosa, um tempo perverso e desumano.

Infelizmente, as situações exemplificadoras são múltiplas: chacinas, extermínio e encarceramento em massa da juventude negra, entregue à mercê da truculência da polícia, do crime organizado e das milícias nas periferias das cidades; nos feminicídios, estupros coletivos e tráfico de mulheres, em particular, negras e pobres; crimes de ódio devido à lgbtfobia, racismo, xenofobia, ódio ressentido às esquerdas, intimidações, ameaças, perseguições e assassinatos de lideranças defensoras dos direitos humanos, criminalização dos movimentos sociais, dentre outras violências físicas e simbólicas que atingem a nossa tão vulnerável democracia.

Retomando a solicitação do estudante, inevitável não aludir Bertolt Brecht – o pior analfabeto é o analfabeto político”. O dramaturgo o descrevia como aquele desprovido de escuta, de fala e ausente dos acontecimentos políticos, se vangloria por odiar a política. Santos (2017, p.20) faz um paralelo da definição brechtiana em relação ao analfabeto político da contemporaneidade: “participa dos acontecimentos políticos ‘opinando’ sobre eles nas redes sociais digitais sem qualquer cuidado crítico”.

O autor ora referido, ao considerar o analfabeto político como uma vítima do “político vigarista”, reflete sobre a necessidade de termos compaixão, na **insistência do diálogo com o fascista e na luta para que ele receba educação de qualidade**, lembrando que as instituições de ensino superior, sobretudo, as privadas têm graduado analfabetos funcionais, por firmarem com os clientes (estudantes/consumidores) um acordo de compra e venda.

Isto não significa afirmar que todas as faculdades particulares são incapazes de ofertar ensino de qualidade, contudo, seu caráter de empresa e, conseqüentemente, ao estabelecer uma relação mercadológica, conferindo o direito do consumidor (“estou pagando”), legitima que este se aproprie da educação como mercadoria. Daí a cobrança da qual fui lembrada pelo estudante cliente que se intitulou “consumidor consciente de conhecimento”, sabia das suas “prerrogativas ao ter comprado um produto com rótulo e bula”.

Tempos obscurantistas que nos abatem demandam mais do que nunca análises fincadas no conhecimento crítico e é na persistência na perspectiva de totalidade que

atingiremos a raiz dos processos sociais. Dito de outra forma, é fundamental a análise calcada na crítica da economia política burguesa.

Foi por meio desta orientação que a aula estava se desenvolvendo, ancorada no método dialético⁵: decifra a realidade de velhos e velhas, a partir das condições de existência, determinação imprescindível para refutar o preconceito, o senso comum e a ideologia da velhice. Nesta direção se encontra a Gerontologia Social Crítica.

No que tange à mercantilização da educação, especialistas expõem suas críticas em função da efervescência da privatização do ensino superior, com preocupação, por causa da precarização vista no aligeiramento dos cursos, comprometendo, inegavelmente a qualificação, pois a formação se estende superficialmente, desprovida de fundamentação crítica, vinculada às determinações do mercado consumidor (LEWGOY; SOUZA, 2019).

Esse contexto alcança identificação com a tendência ao antiintelectualismo, desvalorização para com a teoria, num país onde “44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro” (PAZ, 2022, *online*)⁶. O cenário de decadência cultural soma-se à reatualização do conservadorismo com enorme vigor político:

O pensamento conservador se constitui enquanto um fenômeno situado na história da sociedade capitalista, e manifesta-se, sobretudo, por uma forte resistência a mudanças que, de alguma forma, representem ameaças às instituições, às tradições e à ordem e pela invisibilidade das necessidades do outro, que devem subjugar suas diferenças aos costumes hegemônicos, já que a desigualdade seria natural e necessária. Despudoradamente, nos tempos atuais, estão sendo disseminadas propostas de retrocessos, reproduzidos preconceitos sociais e diversas formas de discriminações que, na verdade, estão impregnadas nas raízes do senso comum brasileiro, sendo facilmente incorporadas e naturalizadas (KELLER, 2019, p.161).

bell hooks (2017) nos lembra que a cultura de dominação se utiliza da mentira e da negação, estratégia, lamentavelmente, assídua no Brasil, em que a bizarrice passou a ser lugar comum, particularmente a partir de 2019, quando Jair Bolsonaro (PSL, à época), representante da extrema-direita, tomou posse da presidência brasileira. Assumidamente

⁵ “A hipótese fundamental da dialética é de que não existe nada eterno, nada fixo, nada absoluto. Não existem ideias, princípios, categorias, entidades absolutas, estabelecidas de uma vez por todas. Tudo o que existe na vida humana e social está em perpétua transformação, tudo é perecível, tudo está sujeito ao fluxo da história.” (LÖWY, 2008, p.14).

⁶ <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/24/no-brasil-44-da-populacao-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-diz-rafael-guimaraens>

contrário aos direitos humanos, “dissemina o ódio, nega o respeito às diferenças, à liberdade de expressão, em suma, aos valores democráticos (HADDAD, 2019, p. 56).

Mediante o desprezo ao Estado de Direito, consolidou-se um pensamento moralista e autoritário com profundos reflexos nos direitos sociais, haja vista a marca da violência institucionalizada e legalizada contra grupos considerados minoritários como as mulheres, negros/as, população LGBTQUIA+, gente nordestina, povos indígenas e àqueles que discordassem desta gestão apolítica, inclusive as universidades, classificadas como inimigas do referido governo (SOUZA; SILVA, 2019).

De acordo com as autoras agora referenciadas (2019, p.21), na referida gestão, a universidade pública passou a sofrer perseguição, “o intelectual crítico tem sido vigiado; os(as) alunos(as)... devem ficar atentos aos ensinamentos de professores(as) críticos(as) e, no papel de observadores privilegiados, induzidos a filmar as aulas e denunciar esses(as) mestres(as) (SOUZA; SILVA, 2019, p.21).

O pensamento crítico foi totalmente repellido. Raciocinar, entender a sociedade desde à sua raiz não interessa ao grupo de políticos vinculados ao grande capital, cada vez mais destrutivo, cuja ideologia dominante reforça a naturalização da divisão social do trabalho num ambiente de extrema agudização da exclusão, do individualismo e de desproteção da vida humana. Isto posto, torna-se compreensível o porquê do ataque a tudo o que desmistifica a perversa realidade a que chegamos.

Em 2022 a extrema direita, na disputa para a Presidência da República, bastante acirrada, perdeu com uma diferença apertada de dois pontos percentuais (pouco mais de 2 milhões de votos) para o Partido dos Trabalhadores (PT) que formou uma frente ampla com a inserção de 11 partidos. Tal resultado de maneira alguma trouxe o desfecho da polarização entre extrema direita e esquerda nem tampouco o fim do bolsonarismo. Para ilustrar esse argumento vale atentar que “os partidos aliados ao ex-presidente elegeram 187 deputados no Congresso - 36% da Câmara dos Deputados. Quatorze dos 27 Estados serão dirigidos por governadores próximos de Bolsonaro”⁷.

E mais, como tão bem nos adverte Dardot e Laval (2016, p.396) não é a mudança de governo que, automaticamente, desencadeará numa mudança política criadora de

⁷ <https://www.rfi.fr/br/brasil/20221122-bolsonaro-perdeu-a-eleico%C3%A7%C3%A3o-mas-venceu-a-batalha-das-ideias-diz-le-monde>

outro sujeito, sendo ingênuo acreditar na descontinuação de uma racionalidade “por uma simples mudança de política, assim como não se inventa outra maneira de governar os homens mudando de governo”.

Para expor um exemplo situado neste processo histórico, enquanto o presente texto é construído, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), em mais uma colocação insensata (incabível anunciar as demais), comparou professores “doutrinadores” a traficantes de drogas num discurso pró armas:

Não tem diferença de um professor doutrinador para um traficante de drogas, que tenta sequestrar e levar os nossos filhos para o mundo do crime. Talvez até o professor doutrinador seja ainda pior, porque ele vai causar discórdia dentro da sua casa, enxergando opressão em todo tipo de relação (2023, *online*).⁸

Trentin (2023, *online*) o desmistifica apropriadamente por meio de uma série de atitudes e campanhas promovidas pelo deputado, dentre elas, o projeto das escolas civis-militares e das escolas paramilitares (de caráter explicitamente doutrinário⁹), a incitação ao medo do comunismo, das religiões de matriz africana, do reforço de um jeito certo de ser família, de sua participação no chamado “gabinete do ódio”, com o fim de publicizar notícias falsas para confundir o eleitorado, “enfim se estivesse, de fato, preocupado em combater a doutrinação, não estaria ele próprio engajado em infinitas ações doutrinadoras em favor de sua própria ideologia”.

A fala agressiva deste “representante do povo” colide com a perspectiva aqui defendida, que é justamente o rompimento com a doutrinação, denota a intolerância para com o debate político e constrange a liberdade de cátedra, demonstração do medo da massa pensar criticamente, de acessar a uma formação política (reiterando seu sentido amplo, para além do partidário), dado que povo pensante é demasiadamente perigoso.

⁸ “O ódio de Eduardo Bolsonaro e seus aliados aos professores é, na verdade, expressão do pavor que toda mente totalitária sente da força da cultura e da educação. Não por acaso, segundo o Instituto de Estudos Socioeconômicos, o investimento em educação no último ano do governo Bolsonaro, que já vinha recuando drasticamente, foi o menor em dez anos. A intenção é esfolar ao máximo a escola e os professores para evitar, a todo custo, como ele próprio confessa involuntariamente, que os estudantes venham a enxergar a opressão que caracteriza as relações econômicas, sociais e familiares da sociedade brasileira. Esse é o verdadeiro objetivo escondido na crítica falaciosa à doutrinação”. (<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/professores-perigosos-felizmente/>)

⁹ Cf. <https://brasil.elpais.com/noticias/programa-escola-sem-partido/> (Educadores de escolas do Exército pelo país afirmaram que foram orientados a não abordar temas como homofobia, racismo e gênero).

Não é à toa que nos últimos anos, Paulo Freire, é constantemente “rematado”, a exemplo das diversas tentativas do seu apagamento. Na interpretação do jornalista e escritor Xico Sá (2021) a partir de 2018, apesar de intensas investidas em dizimar a relevância de Paulo Freire, tão quanto dos docentes das escolas públicas, estas foram fracassadas. O mestre é referência preponderante no campo dos estudos africanos, europeus e latinos.

No entanto, embora morto, o legado paulofreiriano o ressuscita permanentemente, situação de desespero para quem interdita a política com P maiúsculo. Para citar um exemplo, a Justiça de São Paulo proibiu a troca do nome de uma estação de metrô a ser inaugurada em 2026, em vez de Paulo Freire para Fernão Dias, bandeirante do século XVII. A substituição contrairia uma lei federal de 2013 a qual veda “homenagem a figura pública que tenha se notabilizado pela defesa ou uso de mão de obra escrava”¹⁰.

Não menos constrangedora foi a proposta da destituição do título conferido a Paulo Freire de patrono da educação brasileira durante a gestão de 2019-2022 do executivo federal. Haveria muitos outros exemplos, porém os mencionados já são suficientes para ilustrar o ódio à educação libertadora presente num projeto neofascista, assustadoramente de significativa adesão.

Quando alguém reforça o mundo fascista, poder estabelecer um diálogo consiste em uma tarefa genial, embora, nada fácil, porque se trata do terreno da ofensiva conservadora, especialmente, na tentativa de anular o pensamento crítico. Conforme mencionado linhas atrás, Santos (2017), aventa a insistência na persuasão do outro por meio do diálogo e a este respeito, Paulo Freire nos deixou um pujante legado teórico nas suas várias obras, cuja uma de suas ideias é a de que o nosso pensamento, a nossa palavra não deve ser depositada no outro, nem tampouco deve ser uma conversa hostil, mas se trata de conversar com e respeitar a divergência.

O estarrhecimento face à ideologia fatalista do neoliberalismo é problematizado por Guerra; Backx e Repetti (2013, p.211) ao trazerem à tona a sua interferência nos últimos quarenta anos na sociedade brasileira, trazendo mudanças societárias a impactar o perfil de estudantes, uma geração que passou a incorporar os valores liberal-burgueses, a saber:

¹⁰ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/justica/audio/2023-05/justica-de-sp-proibe-o-metro-de-mudar-nome-da-estacao-paulo-freire#>

“o individualismo, a competitividade, o pragmatismo e o utilitarismo, não são apenas naturalizados, mas revigorados e reciclados à luz da retórica pós moderna [...]”.

Depois de uma breve digressão, convém retornar ao incômodo do estudante (autodenominado cliente) que absorveu as minhas palavras como “ameaças de doutrinação marxista e freiriana, doutrina vermelha notadamente ultrapassada e desconectada com a problemática dos nossos idosos”¹¹. Entretanto, no momento do debate voltado a um texto de orientação marxista, preferiu silenciar.

A escuta da sala de aula naquele momento era essencial. Mesmo discordando, não há dúvida de que o aprendizado se efetivaria com a sua palavra, com o seu ponto de vista, como também dos demais participantes. Poderíamos convencê-lo, evidentemente, sem impor, mas estimular a dúvida para atingir a certeza, porém havia uma pedra no meio do caminho: o antidiálogo. “Convencer, para um autoritário, é passar uma esponja na possibilidade de duvidar. Convencer para um educador radicalmente democrático, é jamais passar a esponja em nenhuma possibilidade de dúvida” (FREIRE, Betto, 1985, p.76).

Freire (2019a) em mais uma de suas sabedorias, reflete que é escutando o outro que aprendemos a falar com ele. Neste mútuo exercício, aprender a escutar paciente e criticamente para aprender a falar não há lugar para a fala impositiva, mas, não se traduz no impedimento da liberdade de contra-argumentar:

Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele (FREIRE, 2019a, p.111).

Paulo Netto (2009) faz uma interessante observação a respeito da aversão à teoria social de Marx: examina que tantas polêmicas e recusas se voltam muito mais a uma questão ideopolítica do que de cunho científico, afinal se define como um projeto

¹¹ Em seu livro *O marxismo ainda é útil?*, Frei Betto (2019, p.17) responde que, sendo o marxismo um método de análise da realidade mais do que nunca é útil, ao contrário do capitalismo que “promoveu a mais acentuada desigualdade social entre a população do mundo; apoderou-se das riquezas naturais de outros povos; desenvolveu a sua face imperialista e monopolista; centrou o equilíbrio do mundo em arsenais nucleares; e disseminou a ideologia neoliberal, que reduz o ser humano a mero consumista submisso aos encantos da mercadoria”.

revolucionário, tendo em vista que não basta conhecer a realidade na sua concreticidade, mas transformá-la. A história mostra a resistência à perspectiva de uma outra sociabilidade:

Durante o século XX, nas chamadas 'sociedades democráticas', ninguém teve seus direitos civis ou políticos limitados por ser durkheimiano ou weberiano – mas milhares de homens e mulheres, cientistas sociais ou não, foram perseguidos, presos torturados, desterrados e até mesmo assassinados por serem marxistas (PAULO NETTO, 2009, p.668).

Portanto, quanto ao ponto de vista em relação à obsolescência acerca da teoria marxiana, consentindo, com Paulo Netto em outra produção (2002, p.5), “só com Marx não é possível compreender o mundo contemporâneo, sem Marx é possível compreendê-lo menos e contra Marx se anula a compreensão do mundo contemporâneo”. Quer dizer, o método materialista histórico ao enfatizar que a compreensão da história e da sociedade decorre do entendimento das condições materiais de produção, constitui-se, portanto, fundamental para a análise da realidade, base para interpretar o desenvolvimento capitalista como produto de relações contraditórias.

Aliás, já que se menciona as condições de existência, o método de Marx se apresenta imprescindível para conhecer como homens e mulheres envelhecem. Por esse motivo é priorizada uma formação gerontológica competente e crítica e sim, profundamente “conectada com a problemática dos nossos idosos”, em oposição a apreensões a-históricas ou ideologias conservadoras.

Como desprezar/desqualificar o marxismo se é por essa teoria que se explica a fundo as formas de exploração da força de trabalho humano? Como vislumbrar a velhice da classe trabalhadora quando da impossibilidade da venda da sua força de trabalho? Quais meios a reverter a descartabilidade humana na direção do amor superar o desvalor?

Para melhor enfatizar, vale dizer que, partindo da apreensão de que as relações sociais são determinantes nas condições de vida, o estudo científico da velhice/envelhecimento, com fundamento na Teoria Social Crítica, é o único paradigma que desvela a realidade na sua totalidade, uma vez que, ao se deslocar da aparência ao concreto pensado, rejeita concepções românticas, visceralmente desprovidas da análise de classe social, quando aponta, por exemplo, a velhice como responsabilidade individual ou como "estilo de vida" (ALCÂNTARA, 2023).

Por fim, seria uma grande lacuna não referenciar o provocativo artigo, alvo da discordância silenciada, do antidiálogo na sala de aula. A divergência é constitutiva da humanidade, nada de estranho em pensarmos distintamente, mas questionável é que, sendo eu estudante/aprendiz espere que todos os textos correspondam às minhas expectativas ou à minha visão de mundo. Será por que o conhecimento virou mercadoria?

Por que a dificuldade em discutir outras ideias que não as minhas? Acredito que também aprendemos com os nossos oponentes teóricos. O próprio Marx quando elaborou a sua Crítica à Economia Política partiu dos economistas clássicos (Economia Política), como Adam Smith, Ricardo, admitindo que sem a teoria destes, não seria possível avançar na compreensão das raízes da sociedade burguesa e de seu desenvolvimento.

“Envelhecimento e trabalho na sociedade capitalista”, de Maria Augusta Tavares (2020) trata de uma rigorosa crítica à racionalidade capitalista, especialmente na sua face neoliberal: “penaliza principalmente os trabalhadores mais pobres, os velhos em particular... sem condição de atendimento às necessidades básicas (TAVARES, 2020, p. 147).

Nesse ínterim, a autora ao mesmo tempo em que desvela as mazelas do sistema capitalista, chama atenção de seus leitores com indagações mais do que pertinentes, porque se voltam ao nosso lugar nesse tempo estranho, o que nos faz pensar sobre nossa importância como força de trabalho ou desvalor em razão da chegada da velhice: “No caso brasileiro, será que os velhos sabem que a maioria dos senhores e senhoras que estão a decidir sobre o seu destino são absolutamente contrários aos seus interesses?” (TAVARES, 2020, p.147).

Com semelhante perspectiva teórico-metodológica adotada pela Gerontologia Social Crítica, Tavares deixa a mensagem da superação histórica, apesar do medo multiplicado em todas as dimensões da vida da gente, como o medo de envelhecer, o medo do desemprego, da violência urbana, do Estado que se lança no direito de matar...

A escolha pelo artigo de Tavares se justificou por sua aproximação com o pensamento crítico, assim, o objetivo foi, inicialmente, discutir o significado do processo de envelhecimento numa sociedade de classes, debater com a turma as formas de viver/envelhecer no modo de produção capitalista, considerando a heterogeneidade desta vivência, principalmente no contexto brasileiro.

Paralelo a esse objetivo, também foi central desmistificar a ideologia da velhice, algo tão arraigado no cotidiano, quer dizer, a velhice como uma responsabilidade individual, sob o lema da tão propalada “melhor idade”, como se fosse uma decisão pessoal, sem a observação das condições socioeconômicas que envelhecemos. Quem vive a “melhor idade”?

Diante do exposto, apesar da predominância de um contexto tão adverso às ideias aqui defendidas, com o suporte da teoria social crítica, a prática da educação libertadora se consolida como farol para a mudança, atravessada pela marca da recriação e não da repetição, na esperança de que o sonho emancipatório é realizável, talvez não para esta geração. Todavia, trata-se de responsabilidade ética e compromisso histórico, plantar a semente de uma sociedade do *Ser Mais*, afinal o velho sempre estará contido no novo, pois se relacionam dialeticamente.

Nesta compreensão, na busca pela transição, não serve a educação bancária, que tolhe a criatividade, desprivilegia o aprender com, sem criticidade, odeia o diálogo... A título de sugestão, num outro caminho, a arte aponta para a materialização de um conhecimento questionador e anti senso comum, tendo em vista a sua potencialidade em nos elevar para uma perspectiva da genericidade humana e, associada à ciência, juntamente com a ponderação do rigor teórico-metodológico, nos instrumentaliza a entender nosso tempo e o que estão fazendo da nossa vida, exhibe a sociedade neoliberal refletida na precarização da existência, das relações sociais, dos valores.

A sétima arte, por exemplo, se revela em recurso potencial no campo educacional na produção dos saberes além de atravessar os afetos, as relações humanas, desperta a empatia. “Ver filmes, é uma prática tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2002, p.70).

Sem a pretensão de alongar a discussão sobre o cinema como ferramenta crítica, o importante a considerar é que analisar a vida social pela sétima arte possibilita o entendimento das práticas sociais que nos ensinaram, como também das nossas atitudes em função do instituído, além de chorar a dor do outro e de se indignar com os dramas

humanos, enfim, nossa visão de mundo é provocada. De que maneira reagimos diante da realidade representada na ficção? ¹²

Irresistível não associar a pedagogia do cinema à metodologia dialética, em especial porque por este viés sempre parte da leitura da própria realidade, da história que se vive, e não do discurso generalizado do emissor. À vista disso é indispensável conhecer os educandos, o que fazem, como vivem, suas visões de mundo, seus objetivos, com quais obstáculos se defrontam. “O aprendizado comum, que liga teoria e práxis, só se dá a partir da realidade coletivamente refletida (FREIRE; BETTO, 1985, p.77).

Nesse processo de múltiplas determinações, é determinante reconhecer nosso lugar nas relações sociais e foi central na discussão que o processo ensino-aprendizagem é essencialmente político, como também da imprescindibilidade de se inteirar da história para refutar a ideia do imutável. Assim, é tarefa histórica recusar os fatalismos.

Como bem nos alerta Sposati (2002) é impreterível esmiuçar demasiadamente o mundo do humano ao situarmos ante a hegemonia neoliberal, tal como advogam Dardot e Laval (2016, p. 402): “O fundamental é compreender que nada pode nos eximir da tarefa de promover outra racionalidade [...] Não saberíamos designar melhor essa razão alternativa senão pela razão do comum”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser a Gerontologia, multidisciplinar, não é tarefa fácil inserir a perspectiva da Gerontologia Social Crítica nos cursos de Pós-graduação, pois, com exceção de quem possui formação no campo das ciências humanas, as demais áreas não contemplam disciplinas desta área na graduação, nem sequer, *Introdução à Sociologia* nas suas grades curriculares. Então seria “começar do zero” ministrar aula sobre um assunto complexo e denso que é modo de produção capitalista para discentes oriundos de áreas como a fisioterapia, medicina, odontologia, turismo, educação física, arquitetura...

¹² Cf. ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira; BARROSO, Áurea Eleotério Soares. Paulo Freire e as velhices no cinema: o inacabamento e a possibilidade de ser mais. In: DICKMAN, Ivo; DICKMAN, Ivânio. (Org.). **100 anos com Paulo Freire**. Tomo 1. Chapecô: Livrologia, 2021, v. 1, p. 169-183.

Outrossim, cabe pensar na carga horária de um curso *lato sensu* que sabemos não ser ampla, por isso se faz mister repensar a base. A esse respeito, vale lembrar o Estatuto da Pessoa Idosa (Lei 10.7441/2003) em seu art.22 ao preconizar a inserção de conteúdos concernentes ao processo de envelhecimento na escola. Caso a determinação fosse realmente concretizada, a gerontologia deixaria de ser novidade no nível da graduação, ao passo que na mais tenra idade, num processo não mais aligeirado e por meio da condução da educação libertadora, haveria projetos voltados à contribuição e uma cultura do envelhecimento, além da apreensão do sentido de ser e estar velho/a em certo contexto.

O que está em questão é a urgência em criar condições propícias com o fim de, verdadeiramente, realizar um trabalho pedagógico ancorado na ressignificação da velhice, na compreensão de que a racionalidade burguesa não nos serve em razão de ocultar a realidade, isto é, escamoteia a própria constituição, o seu desenvolvimento e as necessidades sociais das pessoas. Que a teoria crítica seja a arma contra o mascaramento da vida vivida!

A reflexão coaduna com um debate entre Freire e Betto (1985, p.76) acerca do hiato entre a escola formal e a educação popular, ainda nos anos 1980: “Haveria que subverter essa escola, introduzir novos conteúdos didáticos, redimensionar o tempo curricular, vincular teoria à práxis social [...]”. Naquele tempo essa possibilidade era vista com certo pessimismo? E hoje?

Atualmente nos deparamos com a efervescência do neoconservadorismo em nível planetário. Ser diferente e divergir politicamente é correr risco de vida, de assédio e permanentes constrangimentos, haja vista a violência contra migrantes, a servidores, públicos, militantes da esquerda...No Brasil, particularmente, a educação lugar utópico da transformação e, por isso mesmo, denominado como espaço de balbúrdia vem sofrendo uma prática neoliberal direitista que se alimenta do medo das pessoas, sendo o ódio uma marca característica.

E, embora, a par deste retrocesso civilizatório e da convicção da urgência em mudar o mundo caótico, a depender das condições históricas e políticas, os impedimentos são tão reais a ponto dos mais esperançosos sucumbirem. A consciência crítica por si não é o bastante, tensão capturada por Marx ao dizer que mesmo a história sendo uma decisão

humana, não a construímos sob quaisquer circunstâncias e, sim, em função do que herdamos do passado.

A saída continua sendo a práxis, agir e refletir. O que quero dizer é comentado por Alves (2019) ao aclamar a pesquisa científica do “social”, a atitude investigativa em oposição à imediatividade, a ruína. Daí o autor entende que nunca foi tão importante se incorporar do pensamento crítico e estudar para desvendar a radicalidade do nosso tempo histórico cuja irracionalidade se assemelha à era medieval, para citar a negação da ciência. Tempos difíceis!

O processo prática-teoria-prática é a bússola pra a transformação do real, então, como Lênin nos convence, sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário, lembrando que “quem erra na análise, erra na ação”. Por esse caminho, as referências (não somente os autores e as autoras, mas o educando do relato de experiência) que materializaram a teorização aqui compartilhada, reafirmaram a minha utopia a respeito da reinvenção da vida, proporcionaram o meu refazer-se educadora e educanda permanentemente.

Direito à palavra. É com esta certeza que o texto chega ao seu encerramento, pois a conclusão não haveria de ser outra para quem se diz defensora da educação libertadora, coerência exercida cotidianamente, visto que não basta se autodeclarar progressista e, por outro lado, assumir práticas autoritárias. Por fim, sem esgotar os desdobramentos que a análise suscitou, não é exagero reiterar que a dimensão político-pedagógica denota a defesa ou crítica de algo, tem a ver com posição, lado. Se a educação é política, o/a professor/a é PO-LÍ-TI-CO/A, ou seja, o jeito que vivemos no mundo é político, tudo é histórico e político.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. Velhice, cuidado e cuidadora: afinidades e particularidades nas políticas públicas argentinas, uruguaias e brasileiras. Editora CRV, 2023.

ALVES, Giovanni. Prefácio: O declínio civilizatório do capital. In: SOUZA; SILVA (Orgs.).

Trabalho, questão social e serviço social: a autofagia do capital. São Paulo: Cortez, 2019.

"Bolsonaro perdeu a eleição, mas venceu a batalha das ideias", diz Le Monde. **RFI**, Brasil, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/brasil/20221122-bolsonaro-perdeu-a-elei%C3%A7%C3%A3o-mas-venceu-a-batalha-das-ideias-diz-le-monde>. Acesso em: 17 jul. 2023.

BRASIL. ESTATUTO DA PESSOA IDOSA. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF: Poder Executivo, 3 out. 2003.

CARNEIRO, Amora Míriam Ferreira; CARVALHO, Alba Maria Pinho de; ARAÚJO, Maria do Socorro Sousa de. Dupla pandemia, política de assistência social e exercício profissional em serviço social. **Temporalis**, [S. l.], v. 21, n. 41, p. 173–189, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/34520>. Acesso em: 16 jul. 2023.

BETTO, Frei. **O marxismo ainda é útil?** São Paulo: Cortez, 2019.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida.** Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. São Paulo: Ática, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 59 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 69. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (Temas & Educação, 3).

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. O envelhecimento no cenário de crises e contrarreformas. Vive-se o tempo do possível. In: TEIXEIRA, Solange Maria; CAMPELO E PAIVA, Sálvea de; SOARES, Nanci (Orgs.). **Envelhecimento e políticas sociais em contexto de crise e contrarreformas.** Curitiba: CRV, 2019, p.45-60.

HIDALGO, Carelia Rayen. Reflexiones del ser docente: una experiencia de vida en construcción permanente - dialogando con Paulo Freire. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.22, p1-30, 2020. Disponível em: <http://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/5081>. Acesso em: 13 jul. 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática de liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KELLER, Suéllen Bezerra Alves A ascensão do conservadorismo e o projeto neodesenvolvimentista: implicações ao Serviço Social. **SER Social**, [S. l.], v. 21, n. 44, p.

157–178, 2019. DOI: 10.26512/sersocial.v21i144.23487. Disponível em:
https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/23487. Acesso em: 16 jul.
2023.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista; SOUZA, Moema Amélia Serpa Lopes de. Fundamentos ,
formação e trabalho profissional: tendências e perspectivas da produção do
conhecimento do serviço social. In: GUERRA Yolanda et al. **Serviço social e seus
fundamentos: conhecimento e crítica**. 2. ed. Papel Social, 2019. p. 175-215.

**LIN, Nelson. Justiça de SP proíbe o metrô de mudar nome da estação Paulo Freire. Brasi,
29 mai. 2023. Radioagência Nacional. Disponível em:**

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/justica/audio/2023-05/justica-de-sp-proibe-o-metro-de-mudar-nome-da-estacao-paulo-freire#:~:text=A%20justi%C3%A7a%20de%20S%C3%A3o%20Paulo,de%20inaugura%C3%A7%C3%A3o%20em%202026>. Acesso em: 16 jul. 2023.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Do sonho às coisas: retratos subversivos**. Trad. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo, 2005.

PAULO NETTO, José. Introdução ao método da teoria social. In: In: CFESS/ABEPS. **Direitos Sociais e competências profissionais**. Brasília, 2009. p.668-700.

PAULO NETTO, José. **Curso “O método em Marx”**, UFPE, 2002 (mimeo).

PAZ, Walmaro. No Brasil, 44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro, diz Rafael Guimaraens. **Brasil de Fato**. Brasil, 24 abr. 2022. Disponível em:
<https://www.brasildefato.com.br/2022/04/24/no-brasil-44-da-populacao-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-diz-rafael-guimaraens>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SÁ, Xico. Paulo Freire centenário está mais vivo que um siri na lata da história. **El país**. Brasil, 12 set. 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2021-09-12/paulo-freire-centenario-esta-mais-vivo-que-um-siri-na-lata-da-historia.html?event_log=oklogin. Acesso em: 18 jul. 2023.

SANTOS. Jean Wyllys de Matos. Prefácio: Este livro é para o que nasce. In: TIBURI, Marcia. Como conversar com um fascista. 11 ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SPOSATI, Aldaíza. Regulação Social Tardia: características das políticas sociais latino-americanas na passagem entre o segundo e o terceiro milênio. **Caderno Ideação**, II Fórum Social Mundial, Porto Alegre, p. 33- 53, 2002.

TAVARES, Maria Augusta. Envelhecimento e trabalho na sociedade capitalista. **Katálysis**. Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 143-151, 27 fev. 2020. Quadrimestral. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802020000100143&script=sci_arttext.

TONET, Ivo. *Expressões socioculturais da crise capitalista na atualidade*. In: CFESS/ABEPS. **Direitos Sociais e competências profissionais**. Brasília, 2009. p.107-121.

TRENTIN, Renê. Professores perigosos, felizmente! **Carta Capital**. Brasil, 11 jul. 2023. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/opiniao/professores-perigosos-felizmente/?utm_campaign=boletim_carta_educacao_-_13072023&utm_medium=email&utm_source=RD+Station. Acesso em: 16 jul. 2023.

25 melhores frases de Lacan. **Psicanálise Clínica**. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/frases-de-lacan/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

=

Enviado em: 19-07-2023

Aprovado em: 22-12-2023

Publicado em: 28-12-2023